

As obras da **FUVEST**

9

Nove Noites



**BERNARDO
CARVALHO**

NOVE NOITES

1. BERNARDO CARVALHO – BIOGRAFIA

Bernardo Teixeira de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro, em 5 de setembro de 1960, e radicou-se em São Paulo, onde desenvolveu sua carreira jornalística atuando no jornal *Folha de S.Paulo*, desempenhando as funções de editor do caderno *Folhetim*, correspondente em Nova York, Paris e Londres, de 1998 a 2008, e colunista semanal. Romancista, contista, crítico literário e tradutor, formou-se em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1983. Em 1993, obteve grau de mestre com uma dissertação sobre a obra do diretor alemão Wim Wenders, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Estreou na literatura com a publicação da coletânea de contos *Aberração* (1993), seguida pelo romance *Onze* (1995). Em 1996, Bernardo Carvalho publicou *Os Bêbados e os Sonâmbulos*, obra traduzida para o francês. Conquistou o reconhecimento da crítica com o romance *As Iniciais* (1999), sendo considerado um dos melhores escritores brasileiros da nova geração. No ano de 2002, o autor ganhou o prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, com a publicação de *Nove Noites*. Com a obra *Mongólia*, conquistou o prêmio Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), em 2003, e o prêmio Jabuti, em 2004, na categoria romance. No ano de 2014, Bernardo Carvalho recebeu outro prêmio Jabuti pela publicação do romance *Reprodução*. Sua obra caracteriza-se pelo hibridismo entre ficção e fatos reais, o que o destaca como um dos mais fecundos autores pós-modernos do Brasil.

2. OBRAS

- *Aberração* (coletânea de contos) – 1993
- *Onze* (romance) – 1995
- *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (romance) – 1996
- *Teatro* (romance) – 1998
- *As Iniciais* (romance) – 1999
- *Medo de Sade* (romance) – 2000

- *Nove Noites* (romance) – 2002
- *Mongólia* (romance) – 2003
- *O Sol se Põe em São Paulo* (romance) – 2007
- *O Filho da Mãe* (romance) – 2009
- *Reprodução* (romance) – 2013
- *Simpatia pelo Demônio* (romance) – 2016

3. BERNARDO DE CARVALHO POR ELE MESMO

*Literatura, para mim, é uma construção vital, minha vida seria uma droga sem ela. A literatura dá um sentido para a minha vida que ela não teria sem a literatura. É uma felicidade saber que sempre haverá livros e autores por descobrir.*¹

*Não sei como ela (a crítica literária) pode ou não influenciar no mercado. Quando soube que *Aberração*, mesmo com críticas legais, não tinha vendido muito na França, percebi que hoje o mercado é autônomo. O que tiver de vender, vai vender. Mas, paralelamente, acho que a crítica é deficiente. Nos jornais, na mídia, falta erudição, conhecimento, sensibilidade para entender uma obra. E, na universidade, tenho a impressão de que as pessoas não querem sujar a mão com o arriscado, falta uma generosidade com o que está sendo feito. Isso eu acho feio... Tanto na universidade quanto na mídia os gostos passaram a ser viciados. Você só reconhece, você não conhece. Toda a crítica é feita pelo reconhecimento, e qualquer projeto que escape, que tente se livrar de todas as fórmulas, não pode ser reconhecido. Ele tem que ser conhecido. E isso os caras não permitem. Fica difícil uma literatura sobreviver num ambiente que tem de um lado o mercado e, de outro, uma crítica inexistente. Guimarães Rosa, quando surgiu, não era o cara do reconhecimento e, sim, do conhecimento. Paulo Rónai, quando leu o trabalho dele, percebeu que estava diante de algo*

¹ GRITTI, Delmino. *Dos tijolos da Suméria aos megabytes pós-humanos do terceiro milênio*. Caxias do Sul: Liddo, 2007.

maravilhoso, ele teve sensibilidade para entender aquilo. Hoje, tenho certas dúvidas de que se alguém jogar um livro extraordinário nas mãos de um crítico, seja na imprensa, seja na universidade, ele vai se esforçar para descobrir alguma coisa ali.²

Há uma cisão na minha cabeça, eu transito de um lado para outro sem a menor contaminação. Por exemplo, quando escrevi *Onze*, eu estava insatisfeito com o jornal. Então, eu chegava em casa e escrevia. E era uma recusa do jornalismo, queria fazer alguma coisa contrária ao que fazia durante o dia, uma contraposição quase direta. Por outro lado, a experiência do jornalismo me ajudou muito na literatura. O pretexto da profissão faz com que a gente se confronte com situações que jamais confrontaria, a gente se embrenha na vida, na vida que não é sua. Um monte de histórias dos meus livros foi inspirado nesses contatos inesperados. Como correspondente na França e em Nova York, eu cobria tudo: crime, política, economia. E isso foi importante para mim como romancista. É óbvio que a literatura que faço não é realista, imediata, como é o jornalismo. Eu não vou relatar um fato, mas há uma potente transmutação daquilo na minha cabeça, uma força que eu não dispensei.³

4. ENTREVISTA COM BERNARDO CARVALHO⁴

Quando você percebeu que gostaria de se tornar escritor?

Bernardo Carvalho: Na adolescência, eu quis ser cineasta. Fiz alguns movimentos e alguns esforços nesse sentido. Acabou dando errado. Fui parar no jornalismo, para sobreviver, primeiro como crítico de cinema, depois como repórter, editor e correspondente. Mas não era o que eu queria fazer de verdade. As circunstâncias acabaram me levando naturalmente para a literatura. Eu diria que foi o que restou para mim.

² FERRAZ, Heitor. Revista *Cult*, São Paulo, n.º 10, maio de 1998.

³ *Ibidem*.

⁴ Café Pauliceia: entrevista com o autor Bernardo Carvalho – 16 nov, 2018 – Fonte: Núcleo de Comunicação AASP – Disponível em: <<https://www.aasp.org.br/em-pauta/cafe-pauliceia-bernardo-carvalho/>>. Acesso em: 5 jul. 2020.)

Como sua experiência como jornalista contribuiu para sua trajetória como escritor?

Bernardo Carvalho: Acho que a experiência de repórter e de correspondente me ajudou no sentido de me pôr em contato com gente e situações que eu nunca conheceria sem o pretexto do jornalismo. Quanto à escrita, uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Como é o seu processo de criação?

Bernardo Carvalho: Não há regra. Varia de um livro para o outro. Cada livro estabelece seu próprio processo.

Quais autores foram fundamentais para sua trajetória?

Bernardo Carvalho: Na verdade, todo autor que eu leio acaba me influenciando de alguma maneira, para o bem ou para o mal. Houve, entretanto, um autor que me abriu o caminho, que me fez entender que eu também podia ser escritor e que ser escritor podia ser uma coisa diferente daquilo que até então eu pensava ser um escritor. É um romancista e dramaturgo austríaco chamado Thomas Bernhard.

Qual foi a primeira ideia para a criação do livro *Nove Noites*?

Bernardo Carvalho: O narrador conta isso no livro. Descobri o personagem principal numa resenha de jornal.

O que é realidade e ficção dentro do seu livro *Nove Noites*?

Bernardo Carvalho: Muita coisa ali aconteceu de verdade, mas o livro inteiro é ficção, na forma como ele se apropria dos fatos e os faz funcionar dentro da narrativa.

Quais pontos você destaca no livro *Nove Noites*?

Bernardo Carvalho: Não saberia dizer. Acho que está representada ali uma relação trágica entre o conhecimento e a razão, através desse antropólogo americano que acaba se suicidando entre os índios.

Qual o último livro que você leu?

Bernardo Carvalho: *Acabei de reler Os Sertões, de Euclides da Cunha, para um projeto ensaístico pessoal.*

Você pode nos falar sobre seus novos projetos?

Bernardo Carvalho: *Tenho um romance sendo preparado com coisas que ficaram de lado no Nove Noites, sobretudo na relação entre o pai e o filho.*

Qual sua dica aos aspirantes?

Bernardo Carvalho: *A dica é que não há regras absolutas. Cada um deve entender e seguir o seu próprio rumo, achar o seu próprio estilo. É aí que está a maior dificuldade.*

5. BREVE RESUMO DE NOVE NOITES

Nove Noites é um romance em que as instâncias narrativas apresentam uma multiplicidade de gêneros, como o registro de cartas, partes de diário, anotações, fotografias de personagens da década de 1930, para reconstruir a história de Buell Quain⁵, principalmente durante o período em que viveu no Brasil. As variações linguísticas também estão presentes, bem como o propósito investigativo do narrador principal em torno dos motivos que teriam levado Buell Quain ao suicídio.

Assim, o romance apresenta elementos que o aproximam de uma novela policial ou, ainda, uma reportagem investigativa, propondo-se a solucionar o mistério que envolveria o suicídio do antropólogo norte-americano, após sua experiência de convívio com os índios Krahôs, em 1939. O narrador-investigador relata que se interessou pelo caso após ter lido, casualmente, uma reportagem de jornal passados quase sessenta e dois anos da morte de Quain.

Bernardo Carvalho mescla em sua obra fatos reais com ficcionais, assim como também as personagens e a documentação apresentadas no enredo nutrem-se de elementos históricos e criados pelo narrador-investigador

e pelo amigo do antropólogo, Manoel Perna. Desse modo, *Nove Noites* estrutura-se a partir de dois relatos que, embora distintos, se entrelaçam: a carta-testamento de Manoel Perna e a pesquisa do narrador-investigador, apresentadas por uma tipografia diferente, ou seja, a carta de Perna é composta por letras em itálico, enquanto o relato do narrador-investigador se mantém em letras redondas. Tal utilização de tipos variados de letra destaca a escrita diferenciada de cada um dos narradores e suas individualidades no que concerne à análise do caso de Buell Quain.

Manoel Perna rememora as nove noites em que conviveu com Quain (daí o título da obra de Bernardo Carvalho), em uma carta destinada a um amigo suposto do antropólogo, mas que também pode se referir ao próprio leitor, já que, várias vezes, Perna inicia seus textos pela expressão “Isto é para quando você vier” e algumas variantes, que deixam implícita a espera de que alguém chegaria, receberia e leria a carta-testamento. O momento da chegada desse destinatário, porém, permanece uma incógnita até o desfecho do romance.

No entanto, notam-se várias incongruências tanto no que Perna relata, quanto no que o narrador-investigador descobre. Na obsessão investigativa da verdade, o narrador vai tecendo uma espécie de romance-policial, romance-reportagem, despertando no leitor a curiosidade e o desejo de que os fatos ocultados sejam revelados e o motivo do suicídio de Buell Quain seja elucidado. Porém, é de conhecimento entre os antropólogos que a experiência do americano entre os índios brasileiros foi desastrosa na perspectiva particular do pesquisador e, talvez por isso, a elucidação do caso tenha sido esquecida e, até mesmo, vista como um tabu no meio da Antropologia.

Destaque-se que o narrador-investigador se propõe a desvendar um mistério que já tem mais de sessenta e três anos, considerando-se o ano da primeira publicação de *Nove Noites*, e muitos dados a respeito do caso se perderam no tempo, assim como as pessoas que conviveram com Quain já não existem mais, ou, na melhor das hipóteses, estão velhas e apenas conheceram o antropólogo na infância.

A primeira narrativa (escrita em itálico), criada por Manoel Perna, seria o que mais se aproximaria da verdade quanto ao que ocorreu ao antropólogo no período em que esteve no Brasil, mas a condução do relato do engenheiro-sertanejo, morador de Carolina (ou ainda, um barbeiro da região, conforme consta em dados reais sobre

⁵ Buell Halvor Quain nasceu em 31 de maio de 1912 e faleceu em 2 de agosto de 1939. Antropólogo norte-americano, dedicou seus estudos à pesquisa sobre as tribos indígenas de Fiji e do Brasil. Durante o período em que esteve no Amazonas, suicidou-se sem que o motivo fosse divulgado, mesmo ele tendo deixado diversas cartas destinadas a familiares e amigos.

Manoel Perna), é repleta de subjetividades e olhares emotivos diante do que parece ter sido uma amizade repentina e verdadeira entre o brasileiro e o norte-americano.

Assim, pode-se classificar *Nove Noites* como uma narrativa criada a partir do levantamento de fatos reais (cartas, anotações, arquivos, entrevistas), que envolvem a vida de Buell Quain, mas interseccionada com elementos criados e aventados como possibilidade sobre o antropólogo. Muitas vezes, as supostas verdades relatadas são fragmentadas a partir da memória de testemunhas do caso, o que gera incertezas e contradições presentes na narrativa.

Embora o narrador-investigador tenha ciência de que lhe faltam muitas informações para desvendar o mistério do porquê do suicídio do norte-americano, resultando em um forte questionamento sobre o que seria a verdade, o enigma não é resolvido. A reelaboração dos fatos e a pesquisa incessante levam o narrador-investigador a tentar preencher as lacunas que a história de Quain vai revelando e, nesse momento, as perspectivas pessoais e subjetivas invadem o aparente relato investigativo, contaminando-o de histórias paralelas à do antropólogo, as quais desfazem a documentação da verdade inicialmente proposta pelo narrador-investigador. É justamente nesse momento que a ficção prolifera pelo romance, numa tentativa de se elucidarem as dúvidas que envolvem o caso Quain, como se os fatos reais estivessem sendo costurados pela ficção.

Outro aspecto a se destacar, quanto à possibilidade de falhas nos relatos que são apresentados em relação ao que ocorreu a Quain e como ele realmente seria, é o fato de que a memória das testemunhas é frequentemente chamada a depor. No entanto, sabe-se que a verdade pode sofrer alterações com o passar do tempo e, assim, a lembrança do passado se embaça e é recriada, muitas vezes diferentemente do que ocorreu na realidade. Consideremos inicialmente que os fatos relatados partem de uma documentação da realidade inquestionável, para, depois, observarmos que essa mesma realidade é manchada pelas alterações da memória.

As nove noites em que Perna e Quain conversaram são assunto de praticamente metade do romance de Bernardo Carvalho, compreendendo os cinco meses ocorridos entre o primeiro contato de Perna com Quain e a última viagem feita à aldeia Krahô. Na carta-testamento, a memória de Perna dirige o relato dos fatos e, além de possíveis falhas decorrentes do embaraço que a passagem

do tempo faz nas lembranças do sertanejo, além de apresentar elementos que levam o leitor a duvidar da veracidade dos fatos, pelo menos da maneira como são narrados por Perna:

O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites. Foi assim que imaginei o seu sonho e o seu pesadelo. O paraíso e o inferno. Na primeira noite, ele me falou de uma ilha no Pacífico, onde os índios são negros. Me falou do tempo que passou entre esses índios e de uma aldeia, que chamou Nakoroka, onde cada um decide o que quer ser, pode escolher sua irmã, seu primo, sua família, e também sua casta, seu lugar em relação aos outros. Uma sociedade muito rígida nas suas leis e nas suas regras, onde, no entanto, cabe aos indivíduos escolher os seus papéis. (Nove Noites, 2019, p. 47)

Observe-se o que a carta-testamento relata quanto ao episódio Buell Quain: o antropólogo, amigo de Perna, morreu na noite de 2 de agosto de 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, com vinte e sete anos de idade, em virtude de um suicídio por meio de enforcamento e antecipado de autoflagelação identificada por diversos cortes em seu corpo. Os índios que acompanhavam Quain em sua última jornada levaram o cadáver para a aldeia e fugiram amedrontados, principalmente, por acreditarem que poderiam ser incriminados pela morte do antropólogo.

Buell Quain deixou sete cartas escritas, destinadas a pessoas nos Estados Unidos, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Carolina, além de uma para o delegado de polícia, Ângelo Sampaio, e outra para Manoel Perna, mas que em nada elucidavam os motivos do suicídio. Para que não houvesse inquérito no caso, Quain foi classificado como um indivíduo psicologicamente perturbado, sempre desconfiado de tudo e de todos, além de ser um homem infeliz e incrédulo.

Em maio de 1939, Quain chegou a Carolina em um hidroavião, elegantemente trajado com camisa e chapéu brancos, bombachas, botas, e, momentaneamente, foi uma atração, sendo fotografado ao lado do piloto e dos índios. Depois, foi esquecido por todos, como relata Perna, por exemplo, ao se referir aos ilustres homens que, uma ocasião, convidaram o antropólogo norte-americano para a festa de fundação da Casa Humberto de Campos e, depois, sequer lembravam-se de sua passagem pelo local, exceto Manoel Perna.

O convívio com os índios não era uma novidade para o antropólogo, havendo alguma semelhança entre eles, pois se sentiam igualmente abandonados, solitários e sem nenhum tipo de amparo. Manoel Perna dedicou a Quain a mesma atenção que dispensava aos indígenas, e a morte do antropólogo causou nele um trauma maior do que o sofrido quando foi destituído de seu cargo, ao qual foi indicado por cartas enviadas ao Rio de Janeiro pelo norte-americano, de encarregado do posto indígena Manoel da Nóbrega, por Cildo Meireles, inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, três anos após o suicídio de Quain.

Entre os pertences do antropólogo, trazidos pelos índios, havia sapatos, livros sobre música, roupas, uma Bíblia, cartas e algumas fotografias dos negros do Pacífico Sul e dos Trumai do Alto Xingu. Uma das missivas foi traduzida do inglês pelo professor Pessoa, o qual também tranquilizou os índios quanto a não haver possibilidade de serem responsabilizados pela morte do norte-americano. Decorridos seis anos do suicídio de Quain, Pessoa se autoproclamou etnólogo e estudioso (medíocre) dos índios Krahô, como se ele fosse a maior autoridade no assunto, ignorando a importância da pesquisa de Buell Quain.

No relato, Manoel Perna, o qual nem sequer fora notado pelo antropólogo em sua chegada, estreitando-se a amizade apenas às vésperas do suicídio de Quain, informa que uma das cartas do norte-americano estava em sua posse e ela era destinada a alguém que não é revelado, sendo justamente esse receptor o único que teria acesso à leitura da missiva. Com o auxílio de Pessoa, Perna escreveu um bilhete a esse misterioso receptor, valendo-se de código cifrado, e aguardava ansiosamente a resposta dele.

Os índios contaram a Perna que, após receber uma carta, Buell Quain disse que havia tido péssimas notícias familiares, começou a chorar, queimou algumas missivas e escreveu outras, caiu em profunda tristeza e comunicou sua decisão de partir da aldeia. Segundo os mesmos indígenas, o antropólogo nada falou sobre estar doente, talvez por não querer amedrontá-los, embora, em suas cartas finais, Quain alertava os receptores de que deveriam desinfetá-las antes de as lerem.

Psicologicamente, o antropólogo é caracterizado como uma pessoa atormentada, de expressão facial perturbada, avesso a multidões. Nas nove noites em que passou com Manoel Perna, Quain conversou sobre os índios negros de uma ilha no Pacífico e sobre a aldeia

Nakoroka, localidade de regras rígidas; contou que, inicialmente, desejava estudar zoologia, mas se interessou mais pela antropologia; em março de 1931, fora ao cinema com amigos para comemorarem o final do semestre e assistiram a um filme sobre uma história de amor proibido no Pacífico Sul, por isso, embarcou num cargueiro rumo a Xangai para encontrar a ilha encantada da película.

Depois de ter passado de agosto a novembro de 1938 entre os índios Trumai, Quain seguiu para o Rio de Janeiro e Mato Grosso, sempre sentindo incômodo por ter que conviver com os indígenas e participar de seus rituais, mesmo tentando ficar afastado deles. No entanto, estreitou relações com as crianças Trumai, sempre observando os ritos sexuais que envolviam os adultos da tribo.

A atividade sexual, segundo Manoel Perna, era para o antropólogo uma complicação, e assistir a abortos e assassinatos de recém-nascidos entre os Trumai, que estavam em extinção, intensificava as angústias de Quain. A morte era, para a tribo, uma forma de libertação de todos os medos e padecimentos e passou a ser pensamento constante do norte-americano em sua inquietação existencial.

A perturbação do antropólogo fazia-o acreditar que era perseguido, havendo uma rede de informações no Brasil observando-lhe cada movimento. Para Manoel Perna, Quain escondia-se de si mesmo, quase um estrangeiro dentro de si próprio, isolado em um mundo particular conflituoso.

Buell Quain contou ao amigo algumas coisas sobre sua vida, como a ilha que conhecera já adulto, a casa ocupada pelos diversos amigos, e o desconhecido que, inesperadamente, tirou dele um retrato fotográfico, em que sua fisionomia era de espanto. Ainda em conversa, revelou que vir ao Brasil teria sido uma maneira de desqualificar a imagem que dele resultara em decorrência da fotografia tirada pelo intruso, a qual não corresponderia ao que ele realmente seria.

O tal fotógrafo abusado acabou se tornando amigo de Quain, chegando a ir até ao apartamento do antropólogo um dia antes de ele embarcar rumo ao Brasil. Foi para ele que Buell Quain deixou cartas também, identificando-se uma certa cumplicidade entre os dois, principalmente ao se revelar que Quain sentiu certa atração por ele, embora o norte-americano tivesse envolvimento com uma mulher, a qual se envolvera, também, com o fotógrafo. Como a presença da mulher afetava a relação entre Quain e o fotógrafo, o antropólogo decidiu viajar para o Brasil.

Buell Quain não revelou a Manoel Perna se a tal mulher seria sua esposa ou se era uma outra que teria motivado a separação dele e do fotógrafo, mas chegou a dizer a Perna que não era casado. Sabendo-se que o antropólogo tinha intensa capacidade imaginativa, muito do que ele contava poderia ser mentira. Por exemplo, há no relato dele uma menção a ter se envolvido com prostitutas; a história que ele contava aos índios, na qual revelava que a cicatriz que tinha na barriga era consequência de uma doença que tivera e voltara a se manifestar no período em que se encontrava entre eles.

Passadas as nove noites de convívio com Manoel Perna, Quain preparou as malas para partir a pé, em companhia dos índios, tentando voltar da aldeia de Cabeceira Grossa para Carolina, na fronteira do Maranhão com o que, na época, fazia parte de Goiás e, hoje, pertence ao estado do Tocantins. Para o narrador da carta-testamento, o antropólogo talvez tivesse se suicidado para livrar os índios da culpa por terem-no na aldeia, e o tempo em que passara com Perna teria sido para Quain contar-lhe quem ele era e se preparar psicologicamente para tirar a própria vida.

Destaque-se que a carta-testamento de Manoel Perna é apresentada em meio ao relato do narrador-investigador. Para efeito facilitador de compreensão, optou-se, neste trabalho, pela explicação de cada uma das narrativas em separado. Portanto, vejamos agora o relato do segundo narrador:

O narrador-investigador empreende uma pesquisa em torno da vida de Buell Quain para descobrir o verdadeiro motivo que teria levado o antropólogo ao suicídio. No processo investigativo, ele busca informações em cartas, reportagens, fotografias, testemunhos, decidindo partir para o Xingu e para os Estados Unidos em busca de elementos consistentes que elucidassem o mistério.

A descoberta da história de Buell Quain deu-se quando o narrador-investigador leu um artigo de jornal, em 12 de maio de 2001, sessenta e dois anos após a morte do norte-americano, que tematizava a morte de outro antropólogo entre os índios brasileiros e citava o caso do suicídio de Quain. Assim, o narrador-investigador começou sua busca por informações com a antropóloga que havia escrito o artigo jornalístico.

Conforme sua pesquisa, Buell Quain teria escrito cartas destinadas a sua orientadora, Ruth Benedict, da Universidade Columbia, Nova York; a dona Heloísa Alberto

Torres⁶, diretora do Museu Nacional, no Rio de Janeiro; a Manoel Perna, um amigo engenheiro de Carolina, e ao delegado de polícia da cidade, Ângelo Sampaio. Haveria também outras missivas endereçadas ao pai, Dr. Eric P. Quain, médico; ao missionário americano instalado em Taunay (MT) e ao cunhado Charles C. Kaiser, marido da irmã do antropólogo, Marion. Nas cartas lidas pelo narrador-investigador o assunto girava em torno do estabelecimento dos executores testamentários e da distribuição a ser feita dos bens de Quain, além de inocentar os índios de qualquer responsabilidade na morte do antropólogo.

Segundo o que descobriu o narrador-investigador, Quain chegou ao Rio de Janeiro, às vésperas do carnaval, e se instalou em uma pensão no bairro da Lapa, onde teve contato com a prostituição, os vícios, e a elementos comuns no local. Tinha o propósito inicial de ampliar os conhecimentos em torno dos índios Karajá, mas alterou sua meta, voltando-se para a pesquisa dos misteriosos índios Trumai, à beira da extinção, no alto Xingu. No entanto, Quain considerava os Trumai chatos, sujos e entediados, o avesso dos nativos de Fiji, reservados e fortes.

Os estudos de Quain, porém, despertaram a antipatia de alguns órgãos governamentais brasileiros, em pleno período de Estado Novo, o que obrigou o antropólogo a retornar à Capital, ocasião em que reencontrou os companheiros de profissão Charles Wagley, Ruth Landes e William Lipkind, pesquisadores dos índios Tapirapé, povo Tupi-Guarani da região da serra do Urubu Branco (MT), dos negros e do candomblé Baiano, e dos índios Karajá, respectivamente.

Quain, um dos alunos preferidos de Ruth Benedict⁷, após se formar em zoologia, ingressou na pós-graduação no Departamento de Antropologia de Columbia, pela

⁶ Antropóloga brasileira, foi diretora do Museu Nacional e uma das idealizadoras da Funai (Fundação Nacional do Índio). Em 1930, fez uma expedição que a tornou conhecida mundialmente, além de se destacar pelo estudo das cerâmicas marajoaras. Foi incentivadora de intercâmbios entre pesquisadores da antropologia, geologia, paleontologia, botânica e zoologia, o que proporcionou a vinda de Paul Rivet, Claude Lévi-Strauss, Charles Wagley e Ruth Landes ao Brasil.

⁷ Ruth Benedict nasceu em Nova York, em 5 de junho de 1887, e iniciou a graduação na Universidade de Columbia, em 1919, onde conheceu Franz Boas, considerado Pai da Antropologia Americana, autor de *Raça, Linguagem e Cultura*, obra intensamente antirracista e transformadora do conceito absurdo de que há raças inferiores na humanidade.

Universidade de Wisconsin, em Madison, e começou suas pesquisas viajando à Europa, ao Oriente Médio, à URSS, a Xangai, a Fiji e, finalmente, ao Brasil.

Era filho de Eric P. Quain e Fannie Dunn Quain, ambos médicos que se divorciaram pouco antes de Buell Quain cometer suicídio. A investigação sobre a morte do antropólogo, mesmo com a insistência do pai, não teve prosseguimento e o caso foi arquivado, sendo a morte confirmada por suicídio. Ruth Benedict e Fannie Quain esmeraram-se na publicação das notas de Buell Quain, o que foi possível graças à quantia em dinheiro deixada pelo rapaz.

Conforme a pesquisa do narrador-investigador, o norte-americano havia escrito que questões familiares o obrigariam a retornar aos Estados Unidos, mas, talvez, tais problemas tivessem estimulado Quain ao ato tresloucado de matar-se. Em carta dirigida à Heloísa Alberto Torres, responsável pelo amparo aos pesquisadores norte-americanos no Brasil, o jovem antropólogo afirma que havia se contagiado por uma doença mortal e desculpava-se por não ter conseguido dar fim às pesquisas em torno dos índios Krahô.

Os índios Ismael e João, que guiaram Quain na saída da aldeia, descreveram o antropólogo como um indivíduo aparentemente perturbado, relatando a Manoel Perna que Quain não apresentava nenhum sinal de doença física, mas que o abalo emocional dera-se após ele receber uma carta familiar, o que induz o narrador-investigador a acreditar que tenha sido um suicídio estimulado por questões passionais.

A partir daí, a investigação leva a descobertas sentimentais: Quain teria se envolvido com Maria Júlia Pourchet⁸, mas se dizia casado, embora não haja nenhum documento que comprove essa possível união matrimonial. Em missiva a Ruth Landes⁹, o antropólogo procurava ocultar alguns traços de sua personalidade e vida.

⁸ Autora de *Contribuição ao Estudo Antropofísico da Criança de Cor: Bahia – Brasil*, 1938.

⁹ Antropóloga estadunidense, formada pela Universidade de Columbia, em Nova York, influenciada por Franz Boas, e autora de *City of Women (Cidade das Mulheres)*, 1947, em que apresenta um importante estudo sobre a estrutura de gêneros e classes da Bahia, destacando a importância das mulheres no candomblé. Uma das pioneiras das pesquisas sobre as mães de santo, Landes foi expulsa do Brasil após forte perseguição das autoridades.

Em uma entrevista com Luiz de Castro Faria¹⁰, foi possível identificar Quain como um sujeito excêntrico e com problemas em administrar seu dinheiro, assunto preferido nas cartas trocadas entre Heloísa Alberto Torres, Manoel Perna, Ruth Benedict, Fannie Quain e Marion Quain, quase todos interessados na herança deixada pelo antropólogo. Para Castro Faria, o suicídio de Quain fora totalmente inesperado e, embora não tenha tido grande repercussão, tornou-se um grande trauma para os antropólogos da época.

Segundo Buell Quain, Lévi-Strauss o teria incentivado a produzir os relatórios sobre os Krahô, chegando a conversarem longas noites em Cuiabá sobre a importância da antropologia e outros assuntos; inclusive teria sido Strauss que aconselhara o jovem antropólogo a tratar-se da sífilis que teria contraído quando de uma aventura casual no carnaval carioca.

Chamado de capitão pelos Trumai, Buell Quain chegou despreparado para o que o esperava: teve sobrancelhas e cabelos rapados, desconhecia a língua nativa, não admitia as relações incestuosas entre os membros da tribo, discordava da organização social e da visão que os Trumai tinham da morte, teve suas roupas roubadas, quase bateu em um menino que furtava na aldeia. Não bastassem essas agruras, ao voltar para Cuiabá, Quain teve malária. Talvez, mesmo não aceitando a maneira como os Trumai encaravam a morte, o antropólogo tenha sido psicologicamente seduzido pela possibilidade de o suicídio libertá-lo de todos os medos.

Assim, temos em *Nove Noites* o resultado da busca do narrador-investigador quanto ao que teria levado Quain ao suicídio, ou seja, o leitor não encontra nenhuma solução precisa para o mistério da morte do antropólogo e, ainda, fica sem saber em que ponto a verdade está presente nos relatos. Mas há uma outra narrativa que se entremeia à de Buell Quain: o narrador-investigador conta sua própria história nas entrelinhas de *Nove Noites*.

No final dos anos de 1960, o narrador-investigador acompanhou seu pai em viagens pelo alto Xingu, aventura que amedrontava o menino em decorrência de os voos serem muito perigosos e a aeronave precária, além do comportamento libertino do pai e das relações conturbadas com os índios. No período em que o pai

¹⁰ Um dos fundadores da Associação Brasileira de Antropologia, foi arqueólogo, professor, biblioteconomista e museólogo brasileiro de destaque internacional. Em 1938, fez sua última expedição à Serra do Norte, chefiada por Claude Lévi-Strauss.

ficava com a guarda do menino-narrador-investigador, já que era separado da esposa, o garoto (Bernardo Carvalho?) participava involuntariamente das empreitadas pelo Mato Grosso e por Goiás, localidades onde o pai negociava a aquisição de terras e a implantação de um projeto agropecuário.

Nos primeiros anos da década de 1990, o pai do narrador-investigador apresentou sintomas da síndrome de Creutzfeldt-Jakob¹¹, doença rara e sem cura. Por esse motivo, o narrador-investigador voltou de Paris, onde residia, ao Brasil para cuidar do pai juntamente com a irmã.

Sempre envolvido em relações amorosas promíscuas e conturbadas, o pai do narrador-investigador acabara perdendo todas as suas posses, embriagava-se frequentemente e viciara-se em antidepressivos e calmantes. Sua última aventura amorosa foi com uma vizinha libanesa. Como a relação entre eles era extremamente conturbada, os filhos afastaram o pai dessa vizinha e internaram-no para tratamento em São Paulo.

¹¹ A Doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ) é uma doença neurodegenerativa, caracterizada por provocar uma desordem cerebral com perda de memória e tremores. **É de rápida evolução e, de forma inevitável, leva à morte do paciente.** A doença de Creutzfeldt-Jakob é um tipo de Encefalopatia Espongiforme Transmissível (EET) que acomete os humanos. As EET são chamadas assim por causa do seu poder de transmissibilidade e suas características neuropatológicas, que provocam alterações espongiformes no cérebro das pessoas (aspectos esponjosos).

Assim como outras (EET's), a Doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ) é caracterizada por uma alteração espongiforme visualizada ao exame microscópico do cérebro. A causa e transmissão desta doença estão ligadas a uma partícula proteínica infectante denominada de "PRÍON" (do Inglês Proteinaceous Infections Particles). Os príons são agentes infecciosos de tamanho menor que os dos vírus, formados apenas por proteínas altamente estáveis e resistentes a diversos processos físico-químicos.

Os primeiros casos dessa doença – a forma vDCJ – surgiram no Reino Unido em 1996 e, diferentemente da forma tradicional (DCJ esporádica), acomete, predominantemente, pessoas jovens, abaixo dos 30 anos. Com características clínicas e patológicas diferentes da DCJ, também apresenta um perfil genético particular do gene da proteína priônica.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a definição de um caso suspeito da doença se baseia nas análises dos exames, sinais e sintomas e história epidemiológica do paciente. Desta forma, o caso pode ser definido como possível, provável e definitivo, mas a confirmação final só pode ser feita por meio da necropsia com a análise neuropatológica de fragmentos do cérebro.

(Disponível: <<https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/doenca-de-creutzfeldt-jakob-dcj>>. Acesso em: 15 jul. 2020.)

No hospital, o pai do narrador-investigador dividia a semi-UTI com um homem que estava com as horas contadas e que raramente recebia visitas. Era um norte-americano, que aguardava a chegada de alguém misterioso a qualquer momento:

Fazia duas noites que eu estava sem dormir. Por isso, demorei para acordar na terceira madrugada. Demorei para entender que aquelas palavras não faziam parte do meu sonho. Quando abri os olhos, o velho estava falando sozinho. Tinham-no amarrado, já não podia sentar ou levantar. Meu pai continuava imóvel, de olhos abertos e arregalados, como se só lhe restasse o terror e mais nenhuma outra opção. Já não podia nem mesmo dar um fim à própria vida. Passei a mão na sua testa suada. Ele me olhou com os seus olhos horrorizados, mas como já fazia dias que não tinha outra expressão, não dava para saber se era realmente horror o que sentia ou se aquela havia sido apenas a última contração dos músculos do seu rosto antes de perderem os movimentos. Passei a mão nos cabelos molhados do meu pai e me aproximei do leito ao lado. Quando abri as cortinas, o velho olhou para mim com olhos vidrados e se calou. Perguntei se estava tudo bem. Ele continuou me olhando em silêncio. Repeti em inglês. Perguntei se precisava de alguma coisa, se queria que eu chamasse a enfermeira. Ele não se mexia, mas chegou a balbuciar algum som, como se quisesse dizer que estava bem, ou pelo menos foi assim que eu o entendi ou quis entender no início: "Well...". Quando fechei a cortina, no entanto, ouvi um nome às minhas costas. Ele me chamava por outro nome. Abri as cortinas e perguntei de novo se precisava de alguma coisa. E ele repetiu o nome. Me chamava "Bill", ou pelo menos foi isso que entendi. Tentava estender o braço na minha direção. Segurei a mão dele. Ele apertou a minha com a força que lhe restava e começou a falar em inglês, com esforço, mas ao mesmo tempo num tom de voz de quem está feliz e admirado de rever um amigo: "Quem diria? Bill Cohen! Até que enfim! Rapaz, você não sabe há quanto tempo estou esperando". De repente, começou a respirar de uma maneira estranha. Eu estava nervoso com

aquilo tudo que não entendia direito. Continuava perguntando se ele precisava de alguma coisa, se estava se sentindo mal, se queria que eu chamasse a enfermeira, e ele repetia: “Bill Cohen! Bill Cohen! Quem diria! Quanto tempo!”, cada vez de uma maneira mais rouca e ininteligível, como se a voz viesse das entranhas, como se alguém falasse por ele. Ele apertava a minha mão e repetia: “Bill Cohen! Que peça você me pregou!”. E ia ficando cada vez mais ofegante. “Eu sabia que você não estava morto!” Foi a última coisa que consegui dizer antes de revirar os olhos e entrar em convulsão. Saí correndo do quarto para chamar a enfermeira. Quando voltamos, às pressas, ele já não falava nada, era só a respiração estertorosa. A enfermeira me pediu que a ajudasse. Nós o desatamos da cama. Ele respirava com a boca aberta, cada vez com mais dificuldade e com um som mais assustador. Os olhos entreabertos. Eu nunca tinha visto um homem morrer. (Nove Noites, 2019, p. 145, 146)

Após três meses de agonia, o pai do narrador-investigador também faleceu. Ao retornar a São Paulo, três anos depois, o narrador-investigador leu em um artigo de jornal uma pequena referência a Buell Quain. Então, lembrou-se do nome dito pelo norte-americano no leito do hospital e relacionou-os: Bill Cohen seria Buell Quain. Buscando informações sobre o homem doente, o narrador-investigador descobriu tratar-se de Andrew Parsons, fotógrafo norte-americano que veio para o Brasil por volta de 1940 e deixou um único filho nos Estados Unidos. A pessoa que ele aguardava chegar no hospital seria Buell Quain?

Principia, assim, a obstinação do narrador-investigador em descobrir o que houve com Buell Quain para ele decidir se matar. O narrador-investigador parte para a tribo Krahô em busca de informações sobre o norte-americano, e as recordações do período em que viajava com o pai pelo Xingu vão aflorando.

Em Carolina, procura pelo velho Diniz, o único dos índios Krahô que, quando menino, tinha conhecido o Buell Quain. Na entrevista que faz com Diniz, o narrador-investigador fica sabendo que o norte-americano era chamado de “Cãmtwyon” pelos índios:

Passei o resto da viagem tentando encontrar alguém que me decifrasse o significado daquele nome. Dois dias depois, quando chegamos à aldeia, Sabino Cômam e Creuza Prumkwyi, que entre os jovens formavam o casal mais ativo e interessado no estudo da própria língua, “os intelectuais da aldeia”, como tinha brincado o antropólogo ao apresentá-los a mim ainda em Carolina, me disseram que “twyon” queria dizer lesma, o caracol e seu rastro. O antropólogo já havia me dito que “cãm” era o presente, o aqui e o agora, mas ninguém conseguia saber o sentido da combinação daquelas duas palavras. O antropólogo me explicou que, ao contrário do que costumam pensar os brancos, os nomes dos índios nem sempre querem dizer alguma coisa e sobretudo nada têm a ver com a personalidade da pessoa nomeada. (Nove Noites, 2019, p. 80)

A filha de Manoel Perna, Raimunda, afirma que o motivo que fez Buell Quain se matar teria sido a revelação de que ele fora traído pela esposa com o cunhado. Especulações à parte, o narrador-investigador soube que o antropólogo havia deixado cartas destinadas a algumas pessoas, inclusive uma para o cunhado, no entanto não havia correspondência nem para a irmã ou para a mãe de Quain. O narrador-investigador principia uma desconfiança de que o norte-americano seria apaixonado pela irmã, Marion, e tivera alguma relação com ela, além da fraternal.

Durante o período em que esteve hospedado na residência de José Maria Teinô, na aldeia Krahô, o narrador-investigador sente medo, constrangimento e intimida-se diante do comportamento da família. Tudo é muito estranho para ele, desde os alimentos oferecidos até a obrigatoriedade de rituais introdutórios na tribo:

As cinco da manhã, começaram a desenterrar o paparuto. Eu tinha voltado para a rede e fui acordado pelo movimento na casa. De todas as casas, saíam adultos e crianças em direção ao centro da aldeia, onde o paparuto seria dividido. Cada família teria o seu quinhão e voltaria para comê-lo em casa. Ainda no centro da aldeia, enquanto distribuíam as fatias do paparuto, o velho cantor gentilmente me ofereceu um pedaço. A banha do porco havia derretido durante a noite e se embebido na camada de mandioca, que agora era uma massa gordurosa sobre a qual estavam depositados os pedaços de carne de porco. Eu mordi o

bolo cintilante, em que aparecia vez por outra um pelinho de porco, com a banha escorrendo pelos meus dedos, disse: “Hummm!” e devolvi a fatia. O cantor riu e perguntou se eu não tinha gostado, insistindo para que eu comesse mais. Comi o pedaço inteiro, que caiu como uma pedra no estômago vazio. Foi quando comecei a passar mal. Não comia quase nada desde que chegara à aldeia, e agora aquele naco de banha de café da manhã. (Nove Noites, 2019, p. 100, 101)

A terceira noite foi um inferno. Fazia um frio do cão e eu não arrumava posição na rede. Qualquer movimento me descobria. Quando o dia raiou, comecei a ouvir um grupo de homens cantando. Eles se aproximavam da casa. Gelei. Aproximavam-se e se afastavam e depois voltavam mais uma vez. Eu tinha certeza de que estavam atrás de mim. Vinham me pegar. Me fiz de morto. Deixei todos se levantarem e continuei na rede, fingindo que dormia. Quando por fim resolvi me levantar, a cerimônia já estava avançada. Tinham pegado o antropólogo. Ele estava coberto de penas, e os índios o carregavam nos ombros até o riacho para um batismo matinal. Era estranho que o estivessem batizando, já que ele fora batizado anos antes. Demorei a entender que ele provavelmente assumira o lugar que reservaram a mim, só para não decepcioná-los. Ele os convencera a não me batizar, temeroso de qual seria a minha reação. Quando o trouxeram de volta do riacho, ele foi cercado por homens e mulheres no centro da aldeia. Foi quando as índias começaram a fazer troça da minha covardia. A mais debochada, Gersila Kryjkwyi, estava inconformada com a minha desfeita. Eu respondia que não me sentia à vontade para ser batizado, só estava na aldeia havia três dias, mas jurei que da próxima vez as deixaria fazer o que bem entendessem comigo. Gersila gritava que sabia muito bem que não haveria próxima vez, eu era um frouxo. Creuza Prumkwyi sentenciou que então ela ia esperar, porque da próxima vez que eu pisasse na aldeia ia me batizar como manda o figurino, ia me arrancar cada um dos cílios, além das sobrancelhas, ia tirar sangue de mim. Todas morriam de rir. Modéstia à parte, acho que nunca se divertiram tanto às custas de um branco. Antes de irmos embora, a mulher do velho Vicente, a matriarca da aldeia, Francelina Wrãmkyi, a mãe de todas, uma mulher corcunda, ao mesmo tempo frágil e forte, curvada para a frente, a quem só restava esperar a morte e que me lembrou a

minha avó de cento e sete anos, se aproximou para dizer que no começo tinha ficado desconfiada, mas que acabou simpatizando comigo, sabia que eu não ia esquecer os índios. Se para mim, com todo o terror, foi difícil não me afeiçoar a eles em apenas três dias, fico pensando no que deve ter sentido Quain ao longo de quase cinco meses sozinho entre os Krahô. No caminho de volta, no interior da cabine da caminhonete, o antropólogo tentou dissipar a minha desconfiança quando lhe falei do menino da bicicleta e do que me dissera furtivamente na segunda tarde, antes de ser surpreendido em flagrante delito pelo pai. O antropólogo me garantiu que eles lhe teriam dito se houvesse alguma coisa secreta a ser revelada sobre o etnólogo americano, mas ele não podia imaginar o tamanho reservado para esse segredo na minha cabeça. Na verdade, nem eu podia imaginar. (Nove Noites, 2019, 106,107)

O narrador-investigador teve dificuldades em sua investigação nos Estados Unidos, pois o país vivia o medo aterrorizante decorrente dos ataques terroristas às duas torres do World Trade Center¹² e dos envios de correspondências anônimas contendo a substância causadora da doença antraz¹³. Em Nova York, encontrou-se

¹² World Trade Center (WTC), inaugurado em 4 de abril de 1973, era um complexo de sete edifícios com 110 andares, na região de Lower Manhattan, Nova York, Estados Unidos, destacado pelas “Torres Gêmeas”. Foi destruído em 11 de setembro de 2001, juntamente com o World Trade Center 7 e o Marriott World Trade Center, nos ataques terroristas em que aeronaves colidiram contra os edifícios.

¹³ Em 18 de setembro de 2001, cinco cartas foram enviadas a emissoras de televisão e a redações de jornais dos Estados Unidos contendo um pó branco, que contaminaria os que tivessem contato com ele pela bactéria antraz. Outras correspondências contendo a mesma substância foram recebidas em edifícios do governo norte-americano e por Tom Daschle e Patrick Leahy, senadores democratas, nos dias seguintes. O antraz é uma infecção cutânea, pulmonar ou intestinal, provocada pelo contato com os esporos da bactéria *Bacillus anthracis*, e foi usada, inicialmente, como arma biológica na Primeira Guerra Mundial, por finlandeses que buscavam libertar seu país do domínio da Rússia czarista, em 1916. A bactéria, que sobrevive no solo, foi testada também pelo exército do Japão durante a Guerra da Manchúria contra a China, na década de 1930. No período da Guerra Fria, os Estados Unidos e a extinta União Soviética produziram e estocaram antraz para empregarem-no em combate, mas não houve utilização da substância e os estoques foram, oficialmente, destruídos. Segundo o Centro de Controle de Doenças dos EUA, por ano são registrados de 2 mil a 22 mil casos de contaminação por antraz no mundo e 90% deles são do tipo cutâneo.

com Schlomo Parsons, filho do fotógrafo Andrew Parsons; teve acesso a fotografias tiradas por ele entre 1950 e 1970 no Brasil e concluiu que não se tratava do mesmo fotógrafo que se envolvera com Buell Quain. Assim, o narrador-investigador praticamente decide transformar sua pesquisa em um romance ficcional:

Havia um monte de fotos do Brasil nos anos 50 e 60: balsas num rio que podia ser o Tocantins; blocos do Carnaval carioca; a festa de Iemanjá em Salvador; o casario de São Luís; uma panorâmica do Rio de Janeiro visto do Pão de Açúcar quando ainda não havia o Aterro; os indefectíveis pilotos do prédio do Ministério da Educação e Saúde no centro da cidade; o edifício Itália e o Copan, em São Paulo etc. Ele me mostrou os retratos de alguns índios. Pareciam Krahô, mas podiam ser de qualquer outra tribo. “Meu pai era fotógrafo. Passou a vida no Brasil. São índios brasileiros. Você não os reconhece?” Eu não podia me indispor com ele, não sabia se estava sendo irônico, mas o fato é que havia um tom paternalista na sua conversa. Preferi ignorar as provocações. Examinei as fotos, ao mesmo tempo que tentava reprimir a minha curiosidade. Não podia deixar transparecer o meu interesse. Senti que ele precisava falar e me esforcei para colaborar.

“Seu pai viveu no Brasil?”, perguntei, enquanto examinava as fotos.

“É uma longa história. Na verdade, não o conheci. Ele nos abandonou logo depois da morte da minha mãe.”

“Nos abandonou?”

“Fui criado pelos meus avós. Pelos pais dele. Não gostavam da minha mãe e por tabela também não gostavam de mim. Fui imposto a eles.”

“Por que o seu pai foi para o Brasil?”

“Ninguém nunca soube direito. Meus avós nunca quiseram falar no assunto. Ele trabalhava para um jornal. Pode ter ido fazer uma reportagem. Como desapareceu às vésperas da guerra e nunca mais voltou, corria a história de que tinha desertado, que tinha decidido não voltar quando a guerra estourou. Minha mãe morreu menos de um ano depois de eu nascer. Teve uma leucemia galopante, uma doença muito rara. Foi o que me disseram. Também não a conheci. Meu pai foi embora logo depois”, ele disse. E aí foi até a sala e voltou com um retrato. “Veja. Aqui está ela. É a única foto que eu tenho.” Era uma mulher magra, com olheiras, o rosto fino, muito maquiado, e o cabelo preso. Não era especialmente bonita. O nariz era pontudo. Tinha um olho para cada lado e um ar estranho, que eu não consegui definir. Uma expressão triste. Ele

prossegiu: “Meu pai me entregou aos pais dele e desapareceu. Sempre odiei os meus avós. Quando fiz dezessete anos, meu avô me chamou e disse que eu tinha que saber algumas verdades. Minha avó era muito passiva. Ficava sempre à sombra dele, ouvindo o que o marido dizia. Meu avô estava com um papel na mão. Nunca entendi se tinham esperado até aquele dia para me revelar o que sempre souberam ou se também tinham sido pegos de surpresa, como eu. Meu avô chamou minha mãe de puta, disse que ela sempre tinha sido uma vadia, que eu não era filho do meu pai e que, portanto, não havia nenhuma razão para continuar vivendo com eles. Eu era o filho da puta. Podia esperar qualquer coisa deles, mas nunca teria pensado numa história daquelas. Não achei que fossem capazes de me expulsar. Ele estava com muita raiva, transtornado e trêmulo. Também fiquei sem palavras. Me estendeu o papel. Era uma carta do meu pai, a primeira que ele mandava em dezessete anos. Estava endereçada a mim, mas eles a tinham aberto e lido. Não havia envelope nem data. Achei que pudessem ter forjado a carta. Eu não conhecia a letra do meu pai. Queriam se ver livres de mim e sabiam qual seria a minha reação. Fui embora daquela casa para sempre. Nunca mais os vi. Na carta, o meu pai dizia que não era meu pai e me pedia desculpas. Achava que agora eu já era um homenzinho e precisava saber das coisas. Dizia que eu não tinha sido abandonado por ele, que o meu pai de verdade tinha morrido no coração do Brasil, quando tentava voltar para me conhecer. Nunca entendi o que queria dizer exatamente com aquilo. Falava como se fosse duas pessoas. Falava de si mesmo como se fosse um outro”. O filho do fotógrafo falava enquanto preparava o café. Eu já não conseguia olhar para as fotos que tinha nas mãos. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Não são só os índios que dizem o que você quer ouvir, achando que assim podem agradá-lo, como se não houvesse realidade. Ele continuou: “Minha tese é que ele enlouqueceu com a morte da minha mãe e foi embora para o Brasil. Aquilo era uma forma de dizer que não podia mais me ver. Quando dizia que o meu pai tinha morrido, era uma forma desesperada de me pedir para esquecer-lo, de se livrar de toda responsabilidade”.

Sem que eu pudesse me controlar, deixei escapar um murmúrio: “Não”.

“O quê?”, ele se virou para mim, segurando a cafeteira.

“Não, nada”, eu disse, desviando os meus olhos vidrados daquele rosto em que por um instante eu cheguei a ver o de Buell Quain mas que agora já não tinha nada a ver com o do etnólogo. Eu fingia que estava

interessado nas fotos dos índios. Ele prosseguiu com a história da sua vida, mas eu já não queria saber que, depois de sair de casa, ele tinha ido viver com um homem mais velho que encontrara numa leitura de poemas beatnik num bar do Village; não queria saber que passou a acompanhar esse poeta em todos os encontros, exposições e galerias, em todos os bares e em todos os estúdios de artistas em que se reuniam para declamar poemas; não queria saber o nome do poeta que ele chamava só de Frank; já não queria saber de nada da vida dele. Ele recitou um poema: “Daqui em diante vou andar do lado do sol... Estou virando a rua...”, enquanto servia o café.

“Você acha a minha história triste?”

“Não, não é isso”, respondi com as fotografias nas mãos.

“O que você acha das fotos?”

“Como assim?”

Ele ficou irritado: “São boas ou não são?”

“São ótimas. E incrível...”

“Espere aí. Se você não gostou dessas, tenho outras mais interessantes. Já volto”, ele disse, impaciente, enquanto punha um prato de torradas na mesa. O labrador, que estava sentado aos meus pés, saiu atrás do dono. O filho do fotógrafo voltou com outra pasta. “Veja só que incrível. Dizia que não era meu pai, mas para infelicidade dele a genética não deixa dúvidas.”

A pasta estava cheia de fotos de homens nus, brancos e negros, ao ar livre, numa praia ou em estúdio. Havia umas poucas no Brasil, mas a maioria tinha sido tirada nos Estados Unidos. E entre essas não estavam os dois retratos amarelados de Buell Quain, de frente e de perfil, que eu tinha visto nos arquivos de Heloísa Alberto Torres. Não havia nada que provasse uma ligação entre Quain e o fotógrafo. (Nove Noites, 2019, p.163-166)

Resolvi adiantar a minha volta para o dia seguinte. Queria ir embora no primeiro avião. Não tinha mais o que fazer ali. A realidade é o que se compartilha. Os

voos para o Brasil costumam ser noturnos. O meu saía às dez da noite. Cheguei cedo ao aeroporto e fui um dos primeiros a entrar no avião. Faltavam dez minutos para a decolagem quando um rapaz ruivo, muito alto e magro, entrou esbaforido, a mochila esbarrando pelos encostos das poltronas, conforme avançava para o fundo do avião. Acomodou sua mochila no compartimento de bagagens acima da minha poltrona e pediu licença para sentar ao meu lado, na janela. Tinha o cabelo cacheado, o nariz adunco e um olhar simpático, embora fosse muito feio. O avião decolou às dez em ponto. Voamos mais de seis horas sem nos dirigirmos a palavra. Eu não conseguia dormir. O rapaz ao meu lado também não. Lia um livro. Era dele a única luz acesa entre as de todos os passageiros. Estavam todos dormindo. Eu não conseguia ler nada. Liguei o vídeo no encosto da poltrona à minha frente. Por coincidência, sobrevoávamos a região onde Quain havia se matado. Foi quando o rapaz, pela primeira vez, fez uma pausa e me perguntou se estava me incomodando com a luz de leitura. Respondi que não, de qualquer jeito não conseguia dormir em aviões. Ele sorriu e disse que com ele era a mesma coisa. Estava muito excitado com a viagem para poder dormir. Era a sua primeira vez na América do Sul. Perguntei se vinha a turismo. Ele sorriu de novo e respondeu orgulhoso e entusiasmado: “Vou estudar os índios do Brasil”. Não consegui dizer mais nada. E, diante do meu silêncio e da minha perplexidade, ele voltou ao livro que tinha acabado de fechar, retomando a leitura. Nessa hora, me lembrei sem mais nem menos de ter visto uma vez, num desses programas de televisão sobre as antigas civilizações, que os Nazca do deserto do Peru cortavam as línguas dos mortos e as amarravam num saquinho para que nunca mais atormentassem os vivos. Virei para o outro lado e, contrariando a minha natureza, tentei dormir, nem que fosse só para calar os mortos. (Nove Noites, 2019, p.167,168)

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Metamorfoses indígenas*. Rio de Janeiro: FGV; FAPERJ, 2013.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CAFÉ PAULICEIA. *Entrevista com o autor Bernardo Carvalho – 16 nov, 2018 – Fonte: Núcleo de Comunicação AASP – Disponível em: <<https://www.aasp.org.br/em-pauta/cafe-pauliceia-bernardo-carvalho/>>. Acesso em: 5 jul. 2020.*

CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GRITTI, Delmino. *Dos tijolos da Suméria aos megabytes pós-humanos do terceiro milênio*. Caxias do Sul: Liddo, 2007.

FERRAZ, Heitor. Bernardo Carvalho. *Revista Cult* (SP), n. 10, maio de 1998.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

MOURA, Flávio. *A trama traiçoeira de Nove Noites*. Entrevista de Bernardo Carvalho. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/novenoitest>>.

PEIRANO, M. *Uma antropologia no plural*. Brasília, DF: EdUNB, 1992.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

THOMAZ, Paulo Cesar. *O dilaceramento da experiência*. As poéticas da desolação de Bernardo Carvalho e Sergio Chejfec. Tese de Doutorado em Literatura. São Paulo, USP, 2009, 216 p.

_____. Poéticas do dilaceramento e da desolação: Bernardo Carvalho e Sergio Chejfec. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.º 36, Brasília, 2010, p. 233-239.

_____. Desfazer-se do legado nacional: os modos de narrar de Bernardo Carvalho. In: DALCASTAGNÈ, Regina; MATA, Anderson Luís Nunes da. (Org.). *Fora do retrato: estudos de literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

_____. A gestão do abismo na literatura brasileira recente: a iminência do desastre em Bernardo Carvalho. *Revista Catalonia*, Paris, Université de la Sorbonne, v. 15, 2014, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/Catalonia-15.html>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

VIEIRA, Yara Frateschi. Refração e iluminação em Bernardo Carvalho. *Revista Novos Estudos*, n.º. 70, São Paulo, 2004, p. 195-206.

☐ Exercícios

Texto para a questão 1.

Ninguém nunca me perguntou, e por isso nunca precisei responder que a representação do inferno, tal como a imagino, também fica, ou ficava, no Xingu da minha infância. É uma casa pré-fabricada, de madeira pintada de verde-vômito, suspensa sobre palafitas para a proteção dos moradores contra os eventuais animais e ataques noturnos de que seriam presa fácil no rés do chão. É uma casa solitária no meio do nada, erguida numa área desmaçada e plana da floresta, cercada de capim-colonião e de morte. Tudo o que não é verde é cinzento. Ou então é terra e lama. Há uma estrada de terra que chega até a escada à entrada da casa mas que dali não parece levar a nenhum lugar conhecido. A maneira mais fácil de chegar é de avião, que não deve ser grande, no máximo um bimotor, para poder pousar na pista de terra aberta ao lado da casa. Do alto, quando nos aproximamos em voo rasante, é só o que vemos: a casa solitária com a pista de pouso ao lado, numa grande clareira de capim alto, cercada por todos os lados de uma floresta a perder de vista. A estrada de terra leva da casa ao campo de pouso e depois segue direto para a mata, onde desaparece, como tudo ali, à procura de um caminho — ou talvez num impulso suicida.

(*Nove Noites*, 2019, p. 60, 61)

1. A partir do fragmento extraído do romance *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, e considerando o enredo da referida obra, assinale a afirmação que não corresponde a uma adequada interpretação dela:

- a) Na recuperação do passado, percebem-se um desvelamento arqueológico das realidades perdidas na lembrança e, a partir daí, o surgimento de novas realidades.
- b) A infância é apresentada como lembrança do narrador-investigador e não é o objetivo final de seu romance.
- c) As lembranças do narrador-investigador estão inseridas em uma história na qual ele não tem participação.

- d) A experiência do narrador-investigador, desencadeada pelo convívio com os índios na infância, é o ponto de partida para a recuperação da memória de seu avô, Marechal Cândido Rondon.
- e) A narração envolvendo fatos da vida do narrador-investigador aparece entremeadada à carta-testamento de Manoel Perna.

2. Publicado em 2002, *Nove Noites* narra as desventuras do jovem antropólogo estadunidense Buell Quain, durante sua estada no Brasil no final da década de 1930. Quanto às características e ao enredo do romance, assinale **V** para verdadeiro ou **F** para falso:

- I. () O relato dos fatos reais é inquestionavelmente verdadeiro, uma vez que Buell Quain existiu e esteve no Brasil para desempenhar uma pesquisa.
- II. () Bernardo Carvalho desenvolve na dimensão ficcional fatos ocorridos, confundindo o leitor por meio de uma narrativa híbrida, em que o mistério em torno do suicídio de Quain não é resolvido.
- III. () Há na obra dois focos narrativos: Manoel Perna, engenheiro da cidade de Carolina e amigo de Buell, e um jornalista, o narrador-investigador, anônimo.
- IV. () Sessenta e três anos depois da morte de Buell, a curiosidade do narrador-investigador é despertada por meio da leitura de um artigo de jornal.
- V. () Enquanto o narrador-investigador deseja revelar o motivo pelo qual Quain se matou, Manoel Perna parece tentar preservá-lo.
- VI. () Buscando desvendar os traços da identidade de Quain, o narrador-investigador acaba expondo intimidades do antropólogo, de si mesmo e dos mecanismos da criação literária.

- VII. () Buell Quain apresentava traços de profunda inquietação emocional, acreditando-se perseguido ou vigiado, rodeado de incertezas sentimentais e, também, com sintomas decorrentes de sífilis.
- VIII. () O antropólogo suicidou-se em 2 de agosto de 1939, portanto, sem tomar conhecimento do início da Segunda Guerra Mundial.
- IX. () O período em que Quain esteve no Brasil coincidiu com agitações de ordem política envolvendo o Estado Novo.
- X. () Acontecimentos históricos, como os ataques terroristas de 11 de setembro, quedas de avião na mata e as cartas com antraz, servem para alicerçar a verdade na obra.

3. Esclarecendo aos índios o motivo de sua pesquisa, o narrador-investigador afirma:

Tentei lhe explicar que pretendia escrever um livro e mais uma vez o que era um romance, o que era um livro de ficção (e mostrava o que tinha nas mãos), que seria tudo historinha, sem nenhuma consequência na realidade. Ele seguia incrédulo. Fazia-se de desentendido, mas na verdade só queria me intimidar. Eu estava entre irritado e amedrontado. Tinha vontade de mandar o índio à puta que o pariu, mas não podia me indispor com a aldeia. (Nove Noites, 2019, p. 95, 96)

Considerando-se o desfecho do romance, pode-se afirmar que o narrador-investigador realizou sua proposta de trabalho? Explique.

NOVE NOITES

- 1) O narrador-investigador não tem por meta relatar a história de seu avô por parte de mãe, o Marechal Rondon, mas, sim, busca desvendar as causas que levaram Buell Quain ao suicídio.
Resposta: D
- 2) Apenas a afirmação I é falsa, pois a obra de Bernardo Carvalho é inteiramente voltada para a discussão do que é verdade e do que é ficção, portanto as informações nela apresentadas são passíveis de falsidade.
Resposta:
Verdadeiras: II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X.
Falsa: I.
- 3) Não. A intenção inicial do narrador-investigador é decifrar o motivo que teria levado Buell Quain ao suicídio, mas, não conseguindo recuperar a história do antropólogo, e deixando o leitor em meio a diversas possibilidades do que teria desencadeado a ação de Quain, só resta ao narrador-investigador aproveitar o que a experiência da pesquisa lhe proporcionou, reunir os relatos feitos por Manoel Perna e as fontes em ruínas da passagem de Quain pelo Brasil e criar sua ficção *Nove Noites*. Destaque-se ainda que uma das discussões levantadas pelo romance refere-se aos limites entre a verdade e a ficção e a confusão de ambos em relatos posteriores.